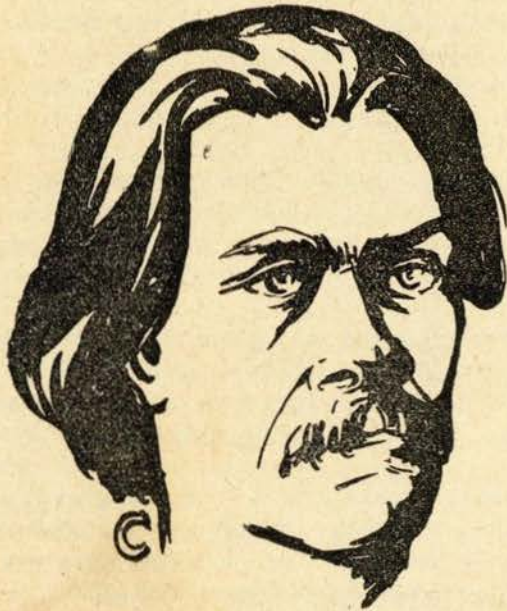
SÉRIE I — N.º 2 Março de 1905

Luz e Vida

SOCIOLOGIA
ARTE
CRITICA

DIREÇÃO de
ANGELO JORGE

GORKI

(Desenho inédito de CRISTIANO DE CARVALHO)

«Todos os homens que luctam pela vida e estão sujeitos ás suas contingencias são mais philosophos do que Schopenhauer porque jámais uma ideia abstracta tomará uma fórma tão precisa como a que a dôr arranca d'um cerebro».

Estas palavras, que o punho de Gorki atirou pelo caminho dos *Vagabundos* fóra, são a synthese da sua obra e da sua autobiographia.

Tolstoi é evidentemente um demolidor... mystico, mas a sua dôr, a dôr que descreve, não sangra como a dôr humana, é apprendida de cór.

Entre Tolstoi e Gorki ha a distancia que vae d'um homem que dá a sua fortuna voluntariamente, a outro que nunca a teve, d'um homem que se abstem, a outro que necessita, d'um homem que tem um sophá e se deita no chão, a outro que é forçado a dormir ao relento sobre uma fraga ou sobre a terra alagada.

Tolstoi sabe que ha desgraçados, como um confessor em cujo coração os infelizes vão transvasar as suas amarguras.

Gorki é um proprio, um authentico membro d'essa familia de expoliados e espesinhados.

E da sua condição nasce o alto valor da sua obra.

E' uma obra litteraria?

De modo nenhum!

Tem durezas e na sobriedade do descriptivo e do rythmo se vê que o auctor não se sentou á banca com os punhos de renda de Buffon ou os cigarros doirados indispensaveis aos semi-cupios poeticos d'esse sachristão politico que dá nas varias avenidas Friveland pela alcunha de François Copée.

Gorki não vem por a Academia; Gorki vem da miseria, d'esse pantano crystallino onde «tudo é corrupto, é certo» — diz elle — «mas onde tudo é tambem sincero e simples».

Na litteratura de Maximo não ha essa fórma construida de orchestrações sensuaes dos *in 8.º Jesus* da vitrine franceza; não se tropeça com os requintes archeologicos dos dramaturgos portuguezes, méros *reporters* da malandragem historica — alli ouve-se, vê-se apenas, núa e crúa, a grande Dôr Humana.

E tanto assim que as multidões moscovitas não elegeram para symbolo das suas remettidas outro senão esse vagabundo de genio que é Gorki.

Na litteratura d'um paiz, como Portugal, em que toda a gente vive a pedir um cigarro ao amigo, para não pedir dinheiro emprestado até para fumar, Gorki seria um escandalo.

A justificação da obra de Gorki está evidentemente na sua vida.

Mas nenhum valor teria Maximo se todos os homens que veem da sargêta tivessem a franca coragem de pintar a sargêta.

Elle pinta-a, e pinta-a com a vehemencia e a verdade que só os depoimentos pessoaes dão.

Por isso mesmo, Gorki tem assegurado o amôr, a estima fraternal de todos os que, — como eu, apesar d'estas luvas e d'este chapéo alto que são o meu apendice caudal da civilisação, — amam profundamente, fraternalmente o povo.

E o Povo é egual em toda a parte, na Russia e na America, na França ou na Italia, em Londres ou no Carvalhido ou aqui em Xabregas.

Povo, até hoje, quer dizer Miseria, Escravidão.

Emquanto existir outra palavra: *Élite*, que significa Riqueza, Expoliação, o diccionario humano não tem de ajuntar um synonimo a essa dramatica palavra: Povo!

Os escriptores de Portugal e do mundo inteiro deviam convencer-se que, estando a organisação dos lexicons a cargo d'elle, a sua missão é arrancar o Povo da Miseria e da Escravidão.

Porque, afinal de contas, meus senhores, escrever não é fazer *Ceias de Cardeaes* nem *Marias dos Céus* apaixonadas, nem *Daques, Ternos ou Quadras de Vizeu* ou *Belkiss* com braceletes de folheta, nem *Viagens de Figueiredo em cadeirinha.*

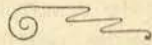
A fórma litteraria é uma materia prima, um barro de que tanto se póde fazer uma estatua como um vaso de noite.

Bourget pega n'esse barro e faz *bidets;* a maior parte dos escriptores portuguezes, — excepção feita das tendencias de Lopes Vieira, das propagandas formidaveis do romancista Faustino da Fonseca, e algumas tentativas mais, — constróe com esse barro informe jarrinhas para collocar sobre comodas de casas de porta e janella, de mistura com a loiça do Senhor de Mattosinhos e acabam a decoração das paredes, onde primam os programmas das toiradas e o retrato do Zé Bento; D'Annunzio modela banheiras para pés de Venus... de 5 liras; Rostand *crachets* e tricornes para epicos carnavalescos...

Depois de Zolá ninguem d'esse barro, mal-cheiroso ou vidrado segundo o oleiro, levantou a estatua do Povo como o Gorki, o mais rebelde dos Vagabundos.

Por isso mesmo nenhum outro escriptor revolveu mais a alma ingenua das Multidões!

Lisboa, março, 1905.

JOAQUIM LEITÃO.

A grande doença contemporánia é a cobardia. Não se tem a audacia de desfraldar bandeira, d'entrar na liça em defesa das convicções proprias e de harmonisar as acções com os pensamentos. Esta ausencia de honestidade e de coragem viril não fás senão prolongar a vida á mentira e retardar o triunfo da Verdade.

MAX NORDAU.

NÉO-MALTHUSIANISMO

Os Filhos

Acabo agora mesmo d'abrir o ultimo fasciculo dos *Boletins da Sociedade de Anthropologia de Paris*, e nelle se me depara uma nota interessante de Paul Robin, intitulada: *Substances et populations*, em que Robin demonstra, em face dum ensaio de arithmetica economica de Girard, que á humanidade falta presentemente mais de um terço do azote que lhe é necessário, e mais dum oitavo do carbono de que tambem carece, o que, sob uma forma mais brutal e eloquente, adiante se enuncia, dizendo que *actualmente existem quinhentos milhões de homens condemnados á fome.*

Esta conclusão força o auctor, e Lejeune, um dos seus collegas que lhe discute a communicação, a levantarem a questão do *néo-malthusianismo*, e a soltarem o grito de alarme contra as loucas e perigosas prédicas em favor da procreação *á outrance*, a procreação de accaso, cega, brutal, desenfreada, e perigosa, que para ahi se commette a cada passo, sem respeito nem preoccupação alguma pelo futuro da humanidade.

Urge, de facto, clamar contra a velha moral, e pugnar abertamente pelo refreamento da procreação, e diminuição voluntaria dos nascimentos, e com ella pelas reformas sociaes donde possa advir uma situação em que *a ninguem falte o necessário, e em que todos possam ganhar a sua vida pelo trabalho* (Lejeune).

As palavras de Robin e Lejeune, reanimam-me sobremaneira velhas opiniões, e dão ao mesmo tempo certa actualidade a umas mal traçadas linhas, que, em tempo, escrevi, a proposito de um livro excellente do Dr. Angelo Vaz, hoje distincto medico-especialista de doenças de crianças, no Porto, linhas estas que hoje, de novo, me atrevo a publicar:

«Vem todas as semanas a minha casa pedir esmola uma miseravel andrajosa, coberta de piolhos e immundicie, com o nariz todo roido pelo *lupus*, e, com ella, um bando de filhos, cobertos de farrapos, com os cabellos encrespados pelo pó, a face ennegrecida pelo sol e pela porcaria, ranhosos, e sempre a choramingarem, cheios de sêde e fome. No collo, chupando-lhe o minado seio, refocilla um pequenino esboço de uma forma humana, disforme, com uma cabeça grande, e uns membros fraquinhos, e, ao lado, agarrado á saia, vem, aos tropeções, um corcundinha faminto, que acompanha, numa lamúria impertinente, o pedinchar fanhoso da pobre mãe. Tem esta uns modos bruscos e aborrecidos, para com a pequenada, que ella, ás vezes, numa intenção criminosa, atira, aos bofetões, de encontro ás casas.

Por mais de uma vez, a tenho visto estender, com mau humor, o peito secco e sujo, aos beiços arroxados do pequenino monstro, que, ás tenteadellas, como um cachorro, e a choramingar, busca os mamillos denegridos e enrugados, e tenho surprehendido, no olhar da miseravel, e no encrespar dos seus dedos esguios e seccos, com as unhas crescidas, cheias de estrumeira, uma fúria de cadella, que, com as dores do parto, lhe appetece devorar o filho.

Um miseravel, provavelmente, maltrapilho como ella, satisfaz-lhe a fome sexual num palheiro immundo que lhe dão por esmola, e, inconscientemente, vae atirando, aos poucos, para o campo da desgraça, aquelles monstrosinhos, que, um dia, desprezados por todos, e roidos pelo vicio, pela fome, e pela molestia, hão de olhar-nos com odio, e maldizer, até, o pae e a mãe que os procrearam.

Quantas vezes, ao contemplar este triste quadro, eu scismo na inconsciencia, com que tanta gente pratica o crime de ter filhos, sem o saber, e sem os dever ter? Por esta nossa terra, a rapasiada, nos seus prazeres desregrados, no viver descuidado

dos verdes annos, e numa sêde de goso sexual, pratica-o, a cada passo. As mães negoceiam as filhas e vendem-lhes a virgindade; e elles, em noites de orgia, a tombar com o vinho, semeiam, inconscientemente, uma geração de desgraçados, que, um dia, hão-de trazer á caderneta do Amphitheatro, ou ao cadrastro da policia, a unica herança com que os abandonaram: — o apellido pomposo de seu pae. As raparigas, mais tarde, amancebar-se-hão com os seus proprios irmãos, com *os outros*, com os que vieram do casal que a egreja abençoou; as mães, vendo apenas nellas, para render, o sello da virgindade, ceder-lh'o-hão a troco de dinheiro; e os rapazes, infezados e doentios, andarão, primeiro á esmola das portas dos cafés, e depois, empregando-se ou não, começarão a vegetar pelos tascos e pelas casas de alcouce, ruminando sempre o ódio e o azedume, que os caracterisam, até que, por fim, o crime e o vicio os levem até á cadeia, ou a doença até ao hospital.

Com que inconsciencia se faz um filho!

Um pobre operario, que eu conheço, queixando-se sempre da miséria em que vive, deu-me entristecido, ha dias ainda, a noticia do nascimento de mais um rapazote. E, desesperado por lhe sahir tão caro o goso, que poude ter sem pagamento immediato, vinga-se, agora, na taberna, a beber vinho, e a bater depois desalmadamente na mulher e nos pequenos.

Que serviço prestaria, quem, sem os preconceitos de uma moral hoje desvirtuada e inconsciente, prégasse e andasse ensinando, por ahi, que não ha responsabilidade maior do que ter um filho, e de que se póde satisfazer a fome sexual sem que se tenha de gerar desgraçados e inuteis! Que bem prestaria aquelle que ensinasse como se póde fazer com que os filhos nos nasçam só quando estamos em condições de lhes assegurarmos a felicidade, e como podem, sem temor de procreação, juntar-se os degenerados, os seres morbidos, que o appetite carnal e que o amôr fatalmente tende a approximar!

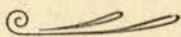
E' preciso dizer-se, e mostrar-se, como a sciencia está hoje na posse de meios praticos, que nos permittem regular a procreação. E' necessário proclamar-se, tambem, que as crianças franzinas são simples encargos para a collectividade, encargos que é preciso evitar. E', finalmente, preciso dizer-se mais, que *se os homens teem obrigações para com os que ainda não nasceram, não consistem ellas em dar-lhes a existencia, mas sim em dar-lhes a felicidade* (Condorcet).

Ha dias, apenas, que um moço talentosissimo, o *Dr. Angelo Vaz,* que acaba de defender, com brilho, a sua these na Eschola Medica do Porto, publicou um livro interessante sobre este assumpto, intitulado: *Néo-malthusianismo.*

Foi lendo este livro, que não vem vasado nas fôrmas velhas das clássicas dissertações, e que póde e deve ser lido por todos quantos se interessam pelo bem estar e bom futuro da humanidade, que eu me lembrei de escrever este artiguelho. Podem dizer delle o que quizerem.

E' possivel, mesmo, que alguns se sintam, por elle, molestados, e que se diga que elle fere muito pudor e muita susceptibilidade; mas, apezar de tudo, espero que me façam a justiça de acreditar que o escrevi sentindo-o, e com a simples intenção de fazer bem: — «Isto tinha na Alma, isto vae no papel, que doutro modo não sei escrever».

Coimbra, 8 de janeiro de 1905.

COSTA-FERREIRA.

Não ha no universo qualidades nem milagres; o que ha são fenómenos regidos por leis.

JOUVENCEL.

CRÍTICA LITERÁRIA

E' uma verdade já velha, que se ha repetido mil vêses mas que outras tantas deve ainda repetir-se, a de que em Espanha não existe juventude intelectual alguma. Ha sim, como em toda a parte, rapases que escrevem, que fasem versos ou prosas, que confécionam dramas, que zurzem comédias...

Ha jovens. O que não ha é juventude.

Cansados das velhas fórmulas artísticas, os literatos que ora surgem censuram constantemente a filosofia «sanchopancêsca» de Campoamor e as jeremíacas lamentações de Becquer; disem que as obras de Echegaray se hão de representar como entremêses cómicos dentro de cincoenta anos, e tregeiteam de fastio e de desdem ao lêrem as novelas de Pereda e Alarcón. Do que, porém, eles não são capazes, é de opôr a essa arte decrépita e muribunda uma arte nova onde palpitem energias novas e novos entusiasmos.

Mal ou bem, nossos páis cumpriram, em literatura, o seu dever de homens: crear. A juventude d'agora, não. Falha de vigor, em vês d'abordar a arte para a fecundar, derrama-se esterilmente em frente déla com palavras ôcas e estrófes vasias. Não é labor de artista, a obra déla. E' tarefa d'artífices, de retóricos que amam a forma sem preocupar-se com os conceitos.

A métrica antiga corresponde ás antigas ideias estéticas; em seus ritmos cristalisaram os velhos poetas a sua maneira-de-vêr, de pensar e de sentir; justo é, pois, que as modernas gerações cristalisem tambem em modernos ritmos os seus afétos, as suas tendencias, os seus ideais. A nossa juventude, porém, não pensa nem sente — esta é a questão. Que inovação rítmica poderá ela realisar?

Andam, não obstante, por aí, aos pontapés, livros mil de poesias, com versos muito compridos ao lado de versos muito curtos, e não falta já quem, com razão, se assuste com tal pseudo — anarquismo poético. Observando-o, porém, facil é tomarmo-nos conta de que não ha tal anarquismo, mas sim uma partida miseravelmente pregada á inteligencia do grosso publico, pela nossa redusida *troupe* modernista.

Um exemplo: — Campoamor teria escrito:

> *«Lentamente caminhavas,*
> *Desfolhando margaridas,*
> *Pela senda que perfumam*
> *Os florídos limoeiros.»*

«E o modernista diz:

> *«Lentamente caminhavas, desfolhando margaridas,*
> *Pela senda que perfumam*
> *Os florídos*
> *Limoeiros».*

Onde está a diferença? Onde a inovação? Acaso será inovar, colocar versos antigos em fórma arbritariamente nova? Ah! não, por Cristo! O mesmo que fês esse modernista dos limoeiros tê-lo-ia feito um escrevente que não soubesse ortografia, se qualquer poeta antigo lhe ditasse uma obra. Ha quem diga, no emtanto, que a nossa juventude defende um profundo idial de belêsa. Mas qual belêsa? Para a moderna geração literaria espanhola a belêsa acha-se, tão só, nas palavras.

No emtanto, de mais critério me parece o afirmar-se que as palavras são, sim-

plesmente, um meio de se expressar a belêsa. «O bom é o belo — disse alguem. O máu é feio.» A belêsa é bondade, da mesma fórma que a bondade é belêsa. Não ha hoje quem se extasie ante o gesto de Néro tangendo a lira entre as chamas que devoram Roma e iluminam o corpo nú da concubina. Toda a gente acredita que tanta mais belêsa existe numa cousa, quantas mais utilidades essa cousa nos oferece. E se muitas vêses colhêmos a flor que aformoseia a árvore, é para evitar que se malogre o fruto.

A belêsa! A arte! A arte pela arte! A arte pela belêsa! Santissimo deus, que série de disparates!

A arte, como tudo o que existe, é vida, e a vida tem que refletir-se na arte se não quisermos fazer uma arte inutil, morta. E' por isso que se aplaude Baudelaire com todos os seus desiquilíbrios e Maeterlinck com todas as suas fantasmagorias: é que eles conseguiram sêr sinceros, levando á Arte — um a sua vida real, a síntese da sua vida interior, o outro.

E' preciso estabelecer duma vês para sempre, entre a juventude intelectual espanhola, o verdadeiro concêto da Arte. As palavras bonitas, os períodos bem construidos, as frases deslumbradoras e as imagens corrétas, não são, por si só, coisa-nenhuma; convenientemente emlaçados a um pensamento intenso pódem, porêm, constituir uma obra d'arte. E eis aqui como a melhor fórma é aquéla em que melhor transpareçam as ondulações do fundo. A fórma é, simplesmente, carne, e todos sabêmos que, sem sangue, a carne é algo muito frio e triste.

Tenho por vezes tentado fasêr uma especie de transpersonalisação em mim-mesmo e lêr certa espécie d'obras que se publicam entre nós, sem prevenção alguma, como indivíduo falho de convicções que se deseja entretêr. Afinal, inconcientemente, resulta-me sempre da leitura a eterna interrogação: «E depois?»

Porque — êste é que é o caso — todo o leitor tem pleno direito a exigir ao artista que lhe ensine alguma coisa, que lhe diga alguma coisa original; ora os nossos jovens intelectuais não disem nunca coisa alguma. Afastam-se da multidão, afastam-se tambem de si-proprios, atraiçoando, assim, a sua própria personalidade. Depois, encerrados na classica torre de marfim, se têem paixões, occultam-nas; se têem energias, destroem-nas; se têem entusiasmos, afogam-nos. E a obra deles resulta, não só inutil, como tambem absurda: obra d'invertidos, verdadeira aberração intelectual de seres que odeiam a Naturêsa.

Conheço em Espanha um unico poeta joven: Vicente Medina. Cheio de saúde e de fé, tornou seu o sofrimento de toda a Humanidade deserdada e trasladou-o á arte, creando páginas vigorosas por onde flue uma corrente de profunda paixão, e de que acende ao céu um grito de suprêma rebéldia. E' um Heine menos irónico e mais humano que o auténtico Heine. Outro espirito joven têmos tambem: Eduardo Marquina. A este, porêm, falta, a meu pensar, um íntegro temperamento poético.

A' exceção déstas figuras, quantos em Espanha pretendem revolucionar a arte, não passam disto — amontoadores de palavras, em prosa, uns; encaixadores de banalidades, em verso, os outros. Não fiséram ainda mais do que reprodusir aqui os delirios neurasténicos de Verlaine, Mallarmé, Smein, Rimbaud e quejandos fracassados dálém Pirinéus. O modernismo espanhol é uma planta degenerada, um pobre lirio sem seiva que não póde lançar raizes em nenhum jardim e que vegeta unicamente na estufa cerebral da nossa juventude artística.

A que obedecerá tanta miséria d'espírito? Será o clima a sua causa determinante? Será, antes, a educação? Será o ambiente? Eu só vejo em tudo isso um agudo morbosismo intelectual.

A nossa juventude odeia, desadóra as ideias, não por convicção, nem sequer por temperamento: tão só pela sua incapacidade para as compreender, pela sua im-

potencia para as amar. Tem ódio ás ideias pelo mesmo motivo porque um pederasta odeia as mulheres. Daí as suas frases, os seus periodos imbecis com que intenta defender-se da ira popular: «As ideias são as mulheres públicas da arte.» «A logica é tudo quanto ha de mais ilógico.» «A verdade é antiestética».

Pobre juventude sem energias! Morreu antes de ter vivido: não resurgirá jámais!

Terminarei expondo uma consideração propria: — A matéria prima da arte não está, para o pintor, nas tintas; nem para o escultor, no barro; nem para o literato, nas palavras. Ha um blóco enorme de massa palpitante ao qual se devem consagrar todas as energias do entendimento: a Humanidade. Vêmo-la hoje triste, dolorida, feia, banhada no pús da suas corruções, inundada pelo sangue dos seus infortunios.

Vamos a ela, companheiros de juventude, com o pincel, com o buril, com a pena! Modelêmos com sua carne uma harmoniosa, bela figura, injétemos em suas veias um sangue forte, imprimamos-lhe no rosto um sorriso de alegria sã!

E então, quando tenhamos conseguido vivificar a Humanidade, fazendo-a ditosa e felis, terêmos obtido o supremo idial da Belêsa e da Arte!...

Madrid.

JÚLIO CAMBA.

A LEGIÃO dos MISERAVEIS

(A Maximo Gorki)

De convicções ardentes, vigorosas,
Buscando a luz d'esse Ideal tão puro,
Vão caminhando as hostes dolorosas
Dos obreiros, na estrada do Futuro!

Um hymno cantam — côro de lamentos,
Partido de gargantas angustiadas;
Côr dos seus rubros corações sangrentos
São as grandes bandeiras desfraldadas.

Quem vos escuta, ó rôtos proletarios,
Entre a vigorna e o ronco dos motores!
— Novos Christos subindo esses Calvarios,
Crucificados por dominadores.

Caminhae! é o Progresso que dimana
Das formidaveis vibrações do malho,
— O' combatentes da Igualdade humana!
Martyres da oppressão e do trabalho!

Vós sois um mar terrivel, invadindo
A sombria muralha do Existente,
Os brazonados muros bipartindo...
— Velho mar soffredor... ó mar ingente!

Miseraveis Plebeus acutilados:
Cantae, bradae, clamae em voz sonora!
Que o vosso grito estale, ó deserdados:
D'entre a metralha — olhae: sorri a Aurora!

CASTRO ALVES.

ANARCHISMO

ALFREDO PIMENTA

(Desenho de CRISTIANO DE CARVALHO)

Desgraçadamente até o anarchismo tem, hoje, partidarios por simples diletantismo, por luxo, por moda. Houve sempre destes intrusos em todos os campos politicos, em todas as façoens do pensamento. E, todavia, se ha principio que exija maior trabalho mental, maior consciencia, maior sinceridade, é o principio anarchista.

As suas bases filosoficas, os seos fundamentos morais, os seos preceitos economicos, os seos modos de vêr politicos são teses que só mentalidades cultas podem estudar e consciencias honestas podem comprehender. Por isso o principio anarchista tem sido falsificado pelos seos criticos, tem sido rotulado com designaçoens que não lhe pertencem de direito.

No campo filosofico, elle mesmo deo origem a uma das mais requintadas metafisicas que conheço — o individualismo de Max Stirner — superior ao proprio absurdo da teoria hegeliana (em parte sua causadora), quasi comparavel ás aberraçoens do maior filosofo portuguez que foi Antero.

Stirner que afirma qne o proprio universo é impotente perante a indomavel energia do querer individual (V. Basch, *L'individualisme anarchiste, Max Stirner*, pag. 85) esqueceo-se do papel que o homem desempenha no mundo e enganou-se julgando-o um deus, tomando-o sob um aspecto falso.

Mas as suas criticas ao Estado, ao socialismo, á religião, têm momentos de um assombro extraordinario que fizeram do seu autor um dos maiores filosofos que a Allemanha nos deo — a despeito dos insultos de Nordau.

Mas a obra desse homem mostra quão de importante tem a teoria anarchista no proprio campo das simples abstraçoens mentais.

Num opusculo que preparo, *A evolução do socialismo e o Congresso de Amsterdam*, porei o mais desenvolvidamente possivel a teoria libertaria. Aqui, apenas resumirei o que é o anarchismo na sua fase mais scientifica — o communismo. E fazendo este artigo parte dum dos *Ensaios*, quando em volume apparecer, se apresentará a demonstração longa de muitas das affirmaçoens aqui feitas.

*

* *

Têm todos os economistas classicos e oficiais, depois de dividirem a economia em quatro partes, principiado pela producção no desenvolvimento da materia a tratar.

Isto é a submissão a um rotineirismo inadmissivel, é o producto da burgueza constituição economica que desprezando a realidade dos factos e pondo de parte o trabalho, atende sómente á minoria capitalista e a sua entidade falsa a que se chama capital. Porque o capital por si só é improductivo: elle precisa do trabalho; a inversa não é verdadeira; porque nós não devemos olhar as coisas num regime arbitrario e passageiro e ficticio — como é o regime actual — mas sim no momento em que as actividades se manifestem amplamente e naturalmente. Ora nesse momento futuro se verá — actualmente prevê-se com dados certos — que o trabalho por si só não deixará

morrer as industrias, nem deixará as necessidades do homem por satisfazer. Mas a fortuna guardada num cofre, ou um campo sem a charrúa a ara-lo, ficarão sempre sem produzir.

Começar a estudar a economia pela produção é atender simplesmente ao beneficio dos capitalistas, á *mais-valia* marxista, ao *ganho* popular.

Mas não é a produção uma consequencia do consumo? Embora chronologicamente, no sentido material do termo, seja a produção o primeiro acto, a verdade é que *in mente* já a ideia de consumo existia.

Estudar em primeiro lugar a producão é admittir como causa das crises economicas a hyper-produção das mercadorias. Ora isto é falso. A origem das crises está precisamente na falta de produção. No regime da troca natural essa falta de produção dar-se-hia pelo que se refere ás mercadorias — mercadorias; no regime monetario aparece outra falta: a de mercadoria — moeda.

Comprehende-se perfeitamente a circulação no mercado e porque tenho em outro logar desinvolvida esta operação dispenso-me de repeti-la aqui.

E' por isso que nós, os anarchistas, ao estudarmos a economia, começamos pelo consumo. Porque tendo este por fim a satisfação das necessidades e sendo estas o ponto á volta do qual gira toda a vida economica do homem, logicamente nos vemos na obrigação de esse processo seguir.

E porque isso é real é que a teoria marxista do valor é falsa fazendo consistir o valor das coisas no trabalho. E porque é falsa éssa base, falso é todo o edificio de Karl Marx.

Todas as outras teorias do valor que têm sido apresentadas, não merecem, quando accidentalmente d'ellas se fala, discussão.

Adam Smith e Say, Ricardo e Malthus, Garnier e Marx tiveram a má sorte de pretender resolver problemas, partindo de principios que a mais rudimentar analise condemnava. Todos nós sabemos que o valor das coisas está na necessidade que vão satisfazer. E' isto uma lei economica tão certa como a da conservação da materia em chimica e a do determinismo em filosofia.

Porisso Kropotkine *(La conquête du pain*, pag. 236) define a economia como «o estudo das necessidades da humanidade e dos meios de satisfaze-las com a menor perda possivel de forças humanas».

Assim, atende-se não á minoria capitalista, mas a todos os homens, assim atende-se ao direito á vida que a todos assiste, á livre expansão dos individuos, ao lugar a que todos tem direito na Natureza. D'aqui sahiu a formula comumista-anarchista «a todos segundo as suas necessidades; de todos segundo as suas forças».

Tem o anarchismo dois processos: o demolidor e o constructor. O primeiro ainda toma dois aspectos: demolidor em principio e demolidor pelo facto; e este ainda pode dar-se individualmente ou collectivamente; pertencem ao principio do facto individual esses isolados casos que na maioria das vezes só têm de anarchistas, o rotulo; pertencem ao principio de facto collectivo as grèves, as revoltas.

A acção demolidora em principio exerce-se sobre as bases esseucialmente historicas sobre que assenta a actual organisação da sociedade: o Estado e os seus fundamentos: a religião, o militarismo e a capitalismo.

O Estado, como se demonstrou já, creou-se pela força e pela força se sustenta.

Força das armas, força das notas de banco, [1] força da fé. Sempre e em toda a parte a força. E' claro que a despeito da interdependencia do sustentaculo destas tres forças, é a força militar a mais poderosa e, por isso mesmo, a predominante.

---

[1] E' uma forma de expressão. Sei bem que a quando da formação dos Estados actuaes, não havia o regime fiduciario.

Combatemos a religião porque sendo ella uma manifestação patologica, contraría a natural e livre expansão das energias humanas. Ella originou-se no medo como Schleimarcher e anteriormente Petronio afirmaram. E porque a Humanidade na sua marcha ascensional não tocou ainda a fase positiva é que os prejuizos a não abandonaram ainda. E dando-se bem ou no estado teologico ou no metafisico o espirito religioso, ainda hoje se pode dizer que os homens não conseguiram libertar-se desse entrave. E o haver homens de genio crentes em deus nada prova desde o momento que soubermos que homens de genio ha supersticiosos. Ora deus é uma concepção imaginaria sahida da primitividade dos homens. Não deve tratar-se mesmo de nega-lo. Porque nega-lo implicitamente indica a crença de que poderia existir. O que deve fazer-se é mostrar a não possibilidade de existencia dum *ser* nessas condiçoens. O anarchismo é por isso ateo.

O exercito é um corpo de immoralidade, de sujeição indigna, onde a hierarchia toma o seo aspecto mais flagrante e mais sintomatico. O militarismo faz do homem um simples automato especial que tem por fim sustentar instituiçoens perigosas e sediças. O seu fim é assassinar covardemente. Por isso quando na vida commum ha um assassinato, se este caso fosse dado numa manifestação propria do militarismo, seria designado com o termo heroicidade. Na linguagem vulgar Napoleão é um assassino; na technologia militar é um heroi. Coisas da vida. O anarchismo é pois anti-militarista.

Sendo os homens productos simples da Natureza, emquanto á substancia eguais, desiguaes apenas numa relatividade muito particular, a natureza pertence-lhes. A terra não é de A ou de B: é de todos; porque a vida é de todos tambem. Só por um acto imoral é que A ou B podem arrogar-se o direito exclusivo do goso duma certa medida de terra. Por isso o mutuelista Poudhon numa frase significativa, em curta frase, definio a propriedade: *la propriété c'est le vol* [1]. Sendo o anarchismo a teoria sociologica verdadeiramente humana, não podia deixar de condemnar abertamente a propriedade.

A personalidade psichica do individuo é inalienavel. Os seus sentimentos, as suas paixoens, as suas ideias ao embate de todos os impulsos de momento, variam. Delegar a sua inteligencia, o seo modo de vêr em alguem é um absurdo. Muito maior absurdo é ainda dar a alguem a faculdade de crear normas de vida, regularisaçoens, penas e premios para o mandatario mesmo. Olhadas assim as duas faces da representação politica á volta da qual os mnoderos tratadistas de direito publico tantos louvores entoam, tantas ladainhas consomem, tantos padre-nossos rezam, facil é de concluir que o anarchismo não podia deixar de ser anti-parlamentarista.

Mas sendo todos os homens sêres variaveis, sendo a consciencia de A diferente de todas as outras consciencias existentes; e sendo os codigos, as leis escriptas, disposiçoens falhaveis e transitorias, productos da maneira de pensar dos sèos autores apenas; e não podendo ser estes nem um reflexo pallido da *maneira* dos outros individuos; estando hoje posta de parte a teoria organicista da sociedade; e sabendo-se que todas as instituiçoens sociais da actualidade são impostas pela coacção militarista, pela sujeição brutal; a lei não tem razão de ser.

Por tal o anarchismo quer que as relaçoens entre os individuos se manifestem pela solidariedade, ou mais juridicamente falando, pelo costume; nega portanto a legitimidade da lei.

São estes os pontos principais que a critica anarchica atinge; os pontos secundarios como sejam monopolios, impostos, autoridades, moeda etc. a que não me-re-

[1] A frase é original de Brissot. Este porem não lhe deo a verdadeira significação. Proudhon explica-se cabalmente sobre este ponto. Vej. Proudhon, *Téorie de la propriété*, pag. 211.

firo aqui para que não me alongue demasiado, implicitamente estão criticados quando se condemnam aquelles.

Isto pelo que se refere ao combate em principios. Quanto ao combate pelo facto, a propaganda individual não é da responsabilidade dos principios anarchistas. Foi-o em tempo, nesse tempo em que a teoria libertaria andava envolta em fumos romanticos, quando Bakounine dizia que a Revolução santificava tudo. Hoje, porém, que o anarchismo é positivista, admite como não proficuos esses casos de desforço individual embora algumas vezes sejam anarchistas os que os praticam.

O que os principais anarchistas de hoje defendem é a propaganda pelo facto *insurrecional*. Kropotkine (Silva Mendes, O socialismo libertario ou anarchismo, pag. 175) diz: «E' necessario que esta expropriação se efectue em *vastas* proporçoens; *aos poucos*, seria uma ladroeira vulgar; *em conjuncto*, é o começo da reorganisação social».

Quanto á parte edificadora, se o anarchismo fosse um regime de autoridade, com hierarchia e senhores, governo e parlamentos, seria complexo o novo edificio social a construir-se. Mas é o anarchismo uma teoria essencialmente natural e por isso o seo regime é de maior simplicidade: deixar viver os homens na mais ampla liberdade. A dificuldade que alguns apontam na implantação deste regime é originada na ligação que fazem, na atenção que prestam ao actual estado de ser da sociedade. Olham esse futuro regime em relação ao actual; e parece-lhes impossivel que destruidas todas estas complicadas organisaçoens de agora, os homens possam viver em paz.

E comtudo nada mais simples. Dando-se ás crianças uma educação libertaria; formando-se assim as sucessivas geraçoens futuras; incutindo-se-lhes os verdadeiros principios; dando-se-lhes uma educação absolutamente despida de preconceitos, a humanidade ir-se-ha transformando pouco a pouco cada vez mais consciente, mais livre e mais justa, até que um dia, como por encanto ha-de surgir a nova aurora. E então imitando a inscripção de Maillebois que os homens justos que Zola no *Vérite* creou, mandaram gravar na casa destinada ao judeo Simon, a nova Humanidade levantando um monumento em honra dos martires que á custa do seo sangue tão belo e tão humano regime implantaram fará gravar a mesma idéa: «aos martires da Anarchia, pela verdade e pela justiça — os netos dos seus carrascos».

E assim se consagrará o mais luminoso ideal que o cerebro humano pode conceber; e assim se glorificará a sacrosanta idéa que construio sobre os destroços dos Estados, das leis, dos deuses e das fronteiras, o regime da Verdade sacrosanta e da Justiça eterna!

ALFREDO PIMENTA.

Todo e qualquer milagre, pelo simples facto de verificar-se, provaria que a criação não era digna do respeito que lhe tributámos, devendo necessáriamente os místicos dedusir da imperfeição do criado, a imperfeição do criador.

COTTA.

Porque se há-de meter na cadeia ao homem ou á mulher que andasse núa pelas ruas fóra? E porque razão não incomodam a ninguem as estatuas, completamente núas, nem os retratos em côrpo inteiro da Madalena e de Jesus que vêmos em algumas igrejas?

VOLTAIRE.

DAS "CARTAS do CORAÇÃO,,

A Fernão Botto Machado

Como um cégo guiado por seu cão
Num país d'assassinos e dementes,
Vou passando com todo o coração
— Se ha coração no meu ranger de dentes —
Pedindo Luz, como quem pede Pão,
Como quem pede ás máguas das torrentes
Esmólas de relampagos, paixão!

E outros cégos flutúam ao meu lado
— Farrapos, sangue em posta, flor da Treva! —
Um dá balas ao Povo... e ei-lo Soldado!
Outro fecunda a Gleba e não tem gleba,
Emquanto este, operario descarnado,
Porque tem alma, um grito que se eleva,
Cái de bôrco, vasqueja fusilado!

Porisso ha monstros na maré da praça...
Latejante de medo e de rancor,
Sempre encharcada em sangue, ulúla e passa
A Lei, que é um Pánico a espreitar a Dôr;
A defeza do Mal contra a Degraça;
A defeza do Ódio contra o Amor;
Qualquer coisa que avilta o que espedaça.

Porisso a Humanidade, em seus países,
E' um formigar d'assaltos e de roubos...
Salpicada de leis e máus juizes,
Sobre Ella, as castas almoédam povos...
Porisso, é um negro poço d'infelizes,
Comidos pela cólera dos lobos,
Lobos — cancros, de fúnebres raízes.

Vamos, cégos!... Marchêmos sobre espadas,
Que os louros são primícias das harpias!
A graça, a força, a luz das madrugadas,
Maná d'amor que está, todos os dias,
Regando tójos, urzes e quebradas,
Pertence ao padre e ao déspota, ás orgias:
Não pertence ao lampejo das enxadas!...

Não — a nós, uns farrapos de tormentos,
Gritos d'amor, de prantos, de desgraças...
Fantasmas, sombras, uivos pelos ventos,
Lama das ruas, *macdam* das praças;
Audácias, iras, rubros pensamentos
Que não tócam o vinho, o mel das taças
De quem tem pão, rameiras e aposentos...

Não — a nós... E, guiado, como um cégo,
Pelo surdo bater do coração,
Toda a fé, toda a vida á luta entrego,
Estendendo, convulso, a pobre mão,
Como quem busca, longe do socêgo,
A luz e o tónico dum bom trovão
Que rasgue a Terra e que ilumíne o pégo!

. . . .

Verdade é que me escutam libertarios,
Cégos que fôram e que, hoje, aberto o olhar,
Derrubam mitos, códigos, erarios,
Tudo o que é espada e cruz, balcão e altar...
Alguem me escuta: blusas d'operarios
Têm, unidas, a espuma e a voz do Mar,
Do Mar que afunda leis, ficções, sacrarios.

E, austero, cheio d'alma e de talento,
Vós, Amigo, sois bem desses Irmãos!...
. . . .
Haja, pois, fé, que, emquanto ulúla o vento,
Irei, guiado pelas vossas mãos,
Ver como o Pensamento e o Sentimento
Derrubam tronos, prostram mitos vãos,
Ganhando a Gleba, o Mundo, o Firmamento!

JOSÈ AGOSTINHO.

O PRINCIPIO DO FIM

Quem ha que pensando um bocado não comprehenda a defeituosidade do mundo em que vivemos? O mais leigo em questões sociaes conhece perfeitamente que a vida, que todos nós custosamente arrastamos, não é uma vida natural. Portanto, o desvio da humanidade para fóra da orbita da sua justa gravitação é obvio. Todos, ou mais ou menos, são unanimes em reconhecel-o.

E' que esta grande desgraça a que assistimos e de que somos sujeitos attingiu a sua culminancia. Até aqui soffria-se, sim; mas tomara-se esse soffrimento, como um *ter que ser,* uma fatalidade, a que ninguem poderia furtar-se. Hoje, porém, ou porque já se esteja cançado de tanta dôr, ou porque as desillusões levassem os que soffrem a pensar na vida, o caso é que a inconsciencia do mal já não tem aquellas proporções, que faziam o homem apparentemente insensivel aos golpes dos espinhos do viver.

Nada ha para ensinar como o tempo e a experiencia. Os povos, ou mais ou menos, sempre acreditaram na indispensabilidade do governo, não obstante só terem delles innumeras razões de queixa. Hoje, porém, a crença obstinada nessa entidade abstracta vai-se dissipando, graças ás mil decepções porque tem passado a sua alma ingenua. Actualmente, o Estado não lhes merece credito; respeitam-no como instituição tradicional, a que já se habituaram e de que lhes custa desapegar-se o seu espirito assaz conservador.

Ainda crêm nelle, não com essa fé profunda d'outr'ora, mas crêm nelle, mercê da duvida que lhes avassalla o espirito. Não sabem resolver o problema social e pensam que tudo isto resultaria num cahos, se faltasse o freio governativo.

Mas o que é fóra de duvida é que se caminha para uma derrocada tremenda.

O ideal de liberdade vai-se tornando cada vez mais commum, vai estendendo as suas azas brancas por sobre a humanidade; e os espiritos mostram uma pronunciada tendencia a romper com os mil preconceitos religiosos e sociaes e a alargar o ambito do seu pensamento.

Vai-se comprehendendo já que a familia legal não é a verdadeira familia; e assim vemos filhos desobedecerem ás determinações paternas e sahirem revoltadamente do lar, para irem constituir livremente um novo e mais feliz ninho.

Vai-se comprehendendo que a religião é uma refinada mentira, pois não passa dum conjuncto de preceitos e de leis ficticias, manhosamente codificadas para interesse dos senhores e para deprimencia dos que trabalham; e assim vemos muitas pessoas dispensarem a intervenção do padre ou do magistrado em qualquer acto matrimonial, substituindo-os pela vontade livre de ambos os conjugues.

Vai-se comprehendendo, emfim, que o parlamentarismo é uma burla infame, um pretexto para exhibições e declamações estereis, sem outro fim que o de dar ginastica á voz e á eloquencia, e o de conquistar um logar na historia; e deste modo o povo que já raciocina, deita-o ao ostracismo, não lhe ligando importancia, não o consolidando com o seu tradicional voto, deixando-o apenas manter-se do impulso da velocidade adquirida atravez dos annos, procedendo elle por iniciativa propria; dando assim provas da inutilidade dos governos. E os Estados têm tanta e tão plena certeza da sua queda mortal, prevêm tão bem a terrivel catastrofe, que não fazem senão escorar-se por todos os modos e feitios. Aproveitam a miseria e a depravação causada pela concentração do capitalismo, e pervertem os caracteres, quebram as dignidades, compram as consciencias e provocam a desordem no seio das associações e dos grupos revolucionarios. E uma vez lançada a confusão no movimento associativo, a duvida, o desalento nascem como consequencia fatal de toda esta perturbação; e é quando os governos lançam mãos desses espiritos esfomeados e desilludidos e os trata, não de os sentar á mesa do orçamento, senão de lhes atirar um simples osso descarnado, para terem ali defensores do regimen.

Mas, succede que quantos mais individuos os governos chamam a si, mais apressam a sua grande catastrofe, pois aumentando o numero de parasitas, aumenta tambem o desequilibrio entre a producção e o consumo. São mais bocas a comer, do que braços a trabalhar. E este estado de coisas não póde permanecer. Mas os governos não olham para este grande perigo, visto que sómente visam a demorarem-se o mais tempo possivel lá em cima, afim de sugarem, até á ultima pinguinha, o suor dos trabalhadores.

Por outro lado o Capital soffre uma lucta intima, os grandes capitalistas absorvem os pequenos, dá-se a proletarisação destes e formam-se os monopolios, os sindicatos, os *trusts* daquelles; a miseria e a autoridade aumentam em attenção a esta mudança. A terra, a propriedade está na mão do menor numero; e os proletarios, que são a maioria, vêem-se sem nada e encontram-se na necessidade de se sujeitar ás tiranias dos despotas das fabricas e das officinas, se não querem morrer de fome.

O trabalho é uma mina que convém ser muito bem explorada, porque é eterna.

E' claro que a iniquidade, a depravação e a deshonra desenvolvem-se, alastram-se, porque, como se sabe, estas *damas*, são irmãs gemeas da miseria e da desgraça. O gosto esthetico, a arte, o amôr ficam quase sepultados no fundo das almas e em seu logar cria-se a estupidez, a brutalidade e o egoismo crasso. A moral, portanto, não póde existir visto que ella é producto d'aquellas tres condições do espirito humano, que desappareceram. Os que soffrem afogam as penas em vinho e deleitam-se em afundar-se no mar de lama da immoralidade. E' então que aparece uma nova classe de exploradores, que, á laia dos usurarios que se valem da miseria, para enriquecerem com o juro da camisa que o desgraçado vai empenhar, impingem ao povo bestialisado venenos, que elle na cegueira da sua ignorancia toma por hidromel; o numero das tabernas aumenta, o theatro apresenta-lhe uma pornographia elevada á quinta-essencia.

E ao passo que as escolas se fecham, porque os paes de familia têm pressa

de mandar os filhos para a officina, para ajudar a casa, o theatro que deveria ser segunda escola, abre as suas portas a quem quizer enthusiasmar-se com os requintes de luxuria proporcionados por infelizes coristas a quem emprezarios obêsos pagam para espevitar a sensualidade já doentia do povo ignaro.

E entretanto os governos continuam na sua tarefa de encostar ao seu perfido seio os que quizerem mamar na têta quasi exhausta do trabalho.

Quanto mais proxima sente a derrocada, mais procura amparar-se; mas, quanto mais escóras colloca, mais apressa a queda fatal.

E eis o pé em que tudo isto está. Sem duvida estamos no principio do fim.

E dizemos principio do fim, porque sabemos que do interior deste grande anniquilamento ha-de resurgir a Dignidade Humana, que não morreu, mas simplesmente ficou sepultada no seio de tanta iniquidade. Ha sentimentos que não pódem morrer, emquanto existir um atomo de vida. O ponto é alargal-os, fazel-os tomar corpo, tornal-os á primitiva fórma.

A vida assim, nesta monotonia biblica, é impossivel. Ha necessidades a satisfazer, que exigem pronta resolução. A philosophia, a arte, o amôr não pódem consentir que lhes prendam as azas; precisam voar, voar, pelo espaço em fóra: não pódem sujeitar-se aos caprichos imbecis de meia duzia de gananciosos, que se arvoraram pela sua astucia e pela estupidez do povo em donos do mundo.

A terra é livre, o céu é livre; e é preciso que a vida o seja tambem.

Mas crêmos que é ao amôr, ao verdadeiro amôr que está confiado o sublime papel de redimir o mundo.

Esse nobre e delicado sentimento da noss'alma é que nos ha-de salvar a todos; porque onde quer que elle nasça e se desenvolva, o homem deixa de ser féra para ser humano. Quer num riso de mulher, quer num gorgeio de creança, o homem verá sempre a vida a saltitar-lhe e a insuflar-lhe o desejo de vivel-a com toda a força dos seus pulmões.

Será o amôr que, dando vida á vida, lhe fará ter uma grande dedicação por tudo quanto existe.

Então, a grande catastrofe se verificará.

Desabará o velho mundo, e novo sol redentor poderá estender seus vivificantes raios por sobre a humanidade, gelada de tantos seculos de sombria, de dolorosissima existencia...

Lisboa, 1905.

BENTO FARIA.

Sêr livre é uma condição natural; desde o momento em que o homem julgue precisar de quem o governe, rebaixa a Naturêsa e afirma a sua impotencia para se guiar na Vida. E', neste caso, um ser de todo o ponto inutil á Sociedade.

ABEL MANÇOS.

Os que imaginam que póde nascer alguma coisa que não haja existido antes, ou que alguma coisa ha suscetivel de morte ou desaparecimento completo, decerto são crianças ou pessoas de escassa inteligencia.

EMPÉDOCLES.

(filós. greg. q. viv. 400 an. ant. de Cristo).

NOTAS do FIM

BIBLIOGRAFIA:

Recebêmos: de *Henri Zisly,* devotado propagandista do Libertarismo anti-scientífico ou *Naturismo,* acêrca do qual estamparêmos, em breve, um ilucidativo artigo de controvérsia, os seus elegantes folhetos doutrinários e de crítica: *En conquête vers l'E'tat Naturel — Voyage au beau pays de Naturie — Libres critiques — e Contes et Croquis* — constituindo, juntos, um belo volúme sob o titulo genérico de *Scientisme et Natúrisme;* de *José Augusto de Castro,* um dos melhores talentos da moderna geração literária, atual diretor do desassombrado semanário *O Combate,* da Guarda, o *Para a Revolta,* sua derradeira produção em livro; de *Lopes d'Oliveira,* sem dúvida o mais poderoso crítico da geração, o volume *A Justiça e o Homem,* 1.º da série *A caminho da Verdade;* de *Ana de Castro Osório,* a ilustre romancista do *Ambições,* o folheto *A educação da criança pela Mulher,* umas dusias de páginas aplaudiveis pela sua honestidade e pelas verdades que, desassombradamente, põe em fóco.

— De todas as obras que fôrmos recebendo, bem como de seus autôres, falarêmos detidamente — após, em algumas palavras, acusarmos recéção — em oportuno momento.

ORTOGRAFIA:

Como alguns ledôres de *Luz e Vida* nos teêm, por vêses, interpelado acêrca da ortografia em suas laudas empregada, quiçá escandalisados ante a diversidade gráfica que nelas aparece, a esses, bem como a todos, devêmos a explicação breve que se segue: *Luz e Vida* adóta, por sua direcção e redação, uma simplificação ortográfica discreta, cujo ponto basilar é o desterro impiedoso para Timor das letras inuteis, sem valor para a pronúncia.

Isto porque muito amámos, em todas as coisas da vida, o desartifício, a clarêsa e a simplicidade.

Libertarios que sômos, porêm, e, portanto, anti-séctarios, anti-dogmáticos, anti-idólatras, deixámos aos colaboradores a liberdade plena d'escreverem consoante seu critério. Que nos atire a primeira pedra aquêle que, em matéria ortográfica ou qualquer outra, fôr capás de nos patentear a Verdade absoluta...

De resto, isto casa-se admiravelmente com o que sômos e o que querêmos: é uma perfeita anarquia ortográfica — segundo a concéção *bourgeoise* da anarquia...

NÓS.

Os milagres são os maiores absurdos no domínio da siensia, onde a fé para nada serve, pois tão só teêm valor os conhecimentos adquiridos por meio da experiencia e da convicção.

GIEBEL.

EDITOR RESPONSAVEL *Joaquim do Carmo.*

TIP. UNIVERSAL Trav. de Cedofeita, 54